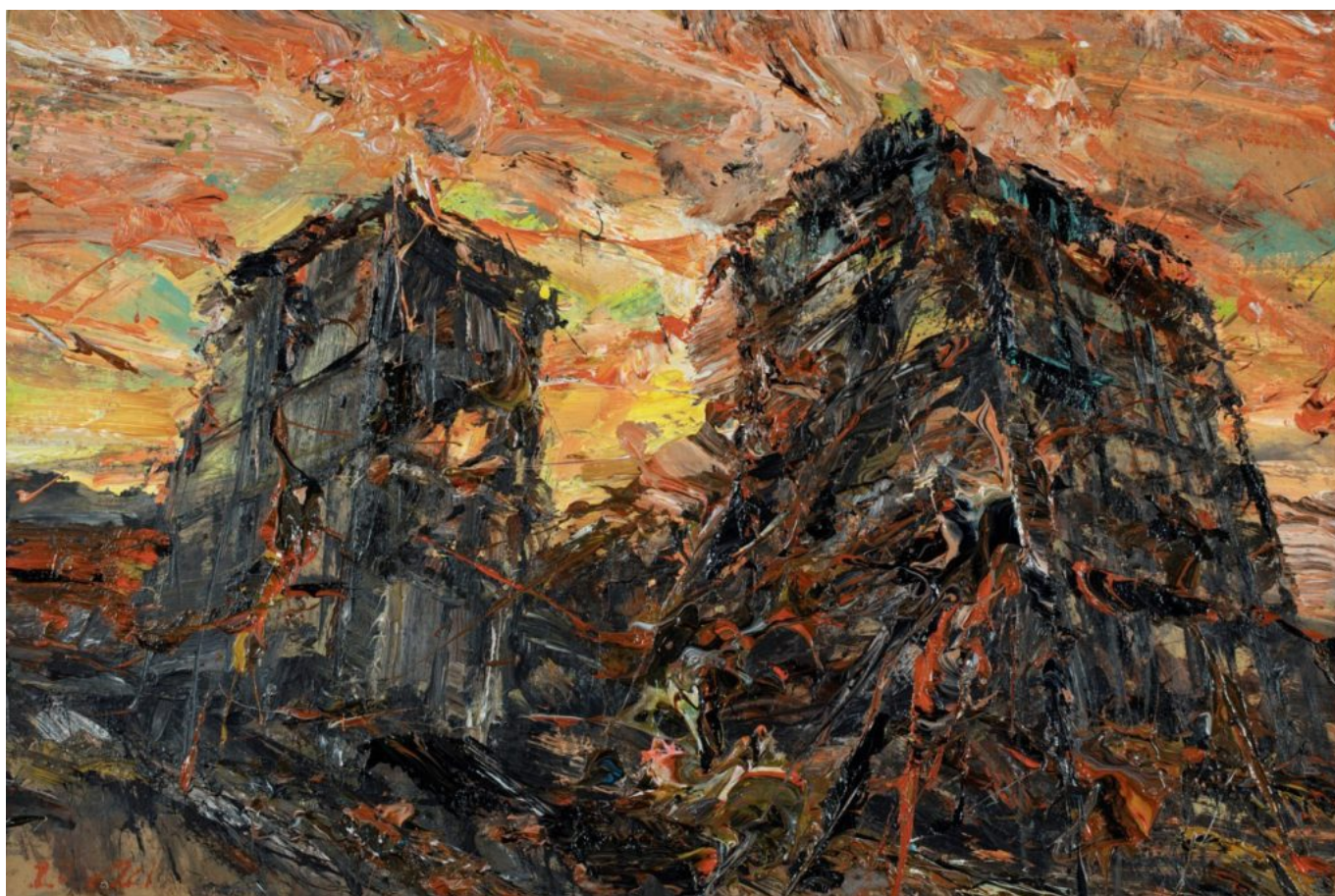


Eles agora sabem o que significa um bombardeio real | Carta semanal 41 (2024)



Ayman Baalbaki (Líbano), *Sem título*, 2020.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Em 1º de outubro, o parlamentar estadunidense Michael McCaul, presidente do Comitê de Relações Exteriores da Câmara, emitiu uma **declaração** pedindo ao presidente dos EUA, Joe Biden, que “coloque pressão máxima sobre o Irã e seus representantes, em vez de pressionar Israel por um cessar-fogo. “Precisamos acelerar as transferências de armas para Israel, que este governo vem adiando há meses, incluindo bombas de 2 mil libras, para garantir que Israel tenha todas as ferramentas para deter essas ameaças”. O apelo beligerante de McCaul ocorreu dias depois de Israel ter usado mais de 80 bombas de 2 mil libras e outras munições de

fabricação estadunidense em 27 de setembro para atacar um bairro residencial em Beirute e matar — entre centenas de civis — **Sayyed Hassan Nasrallah** (1960–2024), o líder do Hezbollah. Nesse único bombardeio, Israel lançou mais bombas “destruidoras de bunkers” do que os militares dos Estados Unidos usaram na invasão do Iraque em 2003.

Um ex-aviador estadunidense, o comandante Graham Scarbro, da Marinha dos EUA, revisou as evidências dos ataques israelenses para o Instituto Naval dos EUA. Em um **artigo** muito revelador, Scarbro observa que Israel “parece ter adotado uma abordagem notavelmente diferente em relação aos danos colaterais do que as forças dos EUA nas últimas décadas”. Embora os EUA nunca tenham demonstrado qualquer preocupação significativa com vítimas civis ou “danos colaterais”, vale a pena notar que até mesmo altos oficiais militares dos EUA levantaram as sobrancelhas diante do grau de desrespeito de Israel pela vida humana. Os militares israelenses, escreve Scarbro, “parecem ter um limite maior para danos colaterais... o que significa que eles atacam mesmo quando as chances de vítimas civis são maiores”.



Bassim al-Shaker (Iraque), *Sinfonia da Morte 1*, 2019.

Apesar do conhecimento de Washington de que os israelenses estavam bombardeando Gaza, e agora o Líbano, sem moderação alguma — e mesmo depois que o Tribunal Internacional de Justiça **considerou** “plausível” que Israel esteja cometendo genocídio contra os palestinos em Gaza — os Estados Unidos

continuaram fornecendo aos israelenses armamento mortal. Em 10 de outubro de 2023, Biden **disse**: “Estamos aumentando a assistência militar adicional”, que **atingiu** um nível recorde de pelo menos 17,9 bilhões de dólares durante o último ano de genocídio. Em março de 2024, o *The Washington Post* **relatou** que os EUA haviam “aprovado e entregue discretamente mais de 100 vendas militares estrangeiras separadas para Israel, que totalizavam milhares de munições guiadas de precisão, bombas de pequeno diâmetro, destruidores de bunkers, armas pequenas e outras ajudas letais”. Essas “pequenas” vendas ficaram abaixo do limite mínimo estabelecido pela lei dos EUA, que exige que o presidente procure o Congresso para obter aprovação (o que, de qualquer forma, não teria sido negado). Essas vendas equivalem à **transferência** de pelo menos 14 mil bombas MK-84 de 2 mil libras e 6.500 bombas de 500 libras que Israel usou em Gaza e no Líbano.

Em Gaza, os israelenses têm **usado** rotineiramente bombas de 2 mil libras para atingir áreas povoadas por civis — que foram instruídos pelas próprias autoridades israelenses a se refugiarem nesses locais. “Nas duas primeiras semanas da guerra”, **relatou** o *The New York Times*, “aproximadamente 90% das munições lançadas por Israel em Gaza eram bombas guiadas por satélite de mil ou 2 mil libras”. Em março de 2024, o senador americano Bernie Sanders **tuitou**: “Os EUA não podem implorar a Netanyahu para parar de bombardear civis um dia e no dia seguinte enviar-lhe milhares de bombas de 2 mil libras que podem destruir quarteirões inteiros da cidade. Isso é obscuro”. Um **relatório** de 2016 da Action on Armed Violence ofereceu a seguinte avaliação dessas armas de destruição em massa:

São bombas extremamente potentes, com grande capacidade destrutiva quando utilizadas em áreas povoadas. Elas podem explodir edifícios e matar e ferir pessoas a centenas de metros do ponto de detonação. O padrão de fragmentação e o alcance de uma bomba MK 84 de 2 mil libras são difíceis de prever, mas geralmente se diz que essa arma tem um “raio letal” (ou seja, a distância na qual é provável que ela mate pessoas nas proximidades) de até 360 m. As ondas de explosão de uma arma desse tipo podem criar um grande efeito de concussão; espera-se que uma bomba de 2 mil libras cause ferimentos graves e danos a até 800 metros do ponto de impacto.



Ismail Shammout (Palestina), *Guardião do Fogo*, 1988.

Já caminhei várias vezes pelo bairro de Haret Hreik, em Dahiyeh, em Beirute, que foi atingido por bombas israelenses no ataque à liderança do Hezbollah. Esta é uma área altamente congestionada, com apenas alguns metros entre edifícios residenciais altos. Atacar um complexo desses edifícios com mais de 80 dessas bombas poderosas não pode ser chamado de “preciso”. O bombardeio de Beirute por Israel reflete seus duros ataques a Gaza e simboliza o desdém pela vida humana que caracteriza as guerras israelenses e estadunidenses. Em 23 de setembro, Israel **bombardeou** o Líbano a uma taxa de mais de um ataque aéreo por minuto. Em poucos dias, os “intensos ataques aéreos” de Israel deslocaram mais de um milhão de pessoas, um quinto de toda a população do Líbano.

A primeira bomba a cair de uma aeronave foi uma granada de mão Haasen (Dinamarca), lançada pelo Tenente Giulio Cavotti da Força Aérea Italiana em 1º de novembro de 1911 na cidade de Tagiura, perto de Trípoli, Líbia. Cem anos depois, em uma espécie de comemoração grotesca, aeronaves francesas e estadunidenses bombardearam a Líbia mais uma vez como parte de sua guerra para derrubar o governo de Muammar Gaddafi. A ferocidade dos bombardeios aéreos foi compreendida desde o início, como Sven Lindqvist documentou em seu livro, *A History of Bombing* (2003). Em março de 1924, o líder de esquadrão do Reino Unido Arthur ‘Bomber’ Harris escreveu um relatório (posteriormente expurgado) sobre seus bombardeios no Iraque e o significado “real” do bombardeio aéreo:

Onde os árabes e os curdos tinham acabado de começar a perceber que se pudessem suportar um pouco de barulho, poderiam suportar bombardeios (...) eles agora sabem o que significa um bombardeio de verdade, em termos de vítimas e danos; eles agora sabem que em 45 minutos uma vila de tamanho normal (...) pode ser praticamente destruída e um terço de seus habitantes mortos ou feridos por quatro ou cinco máquinas que não lhes oferecem nenhum alvo real, nenhuma oportunidade de glória como guerreiros, nenhum meio eficaz de fuga.

Cem anos depois, essas palavras de ‘Bomber’ Harris descrevem apropriadamente o tipo de crueldade infligida à Palestina e ao Líbano.



André Masson (França), *Não há mundo acabado*, 1942.

Você pode perguntar: e os foguetes disparados contra Israel pelo Hezbollah e pelo Irã? Eles não fazem parte da brutalidade da guerra? Certamente, isso faz parte da feiura da guerra, mas não é possível traçar um paralelo fácil. Os mísseis balísticos do Irã ocorreram após o ataque de Israel a uma instalação diplomática iraniana na Síria (abril de 2024), o assassinato do líder do Hamas Ismail Haniyeh em Teerã após a posse do presidente iraniano Masoud Pezeshkian (julho de 2024), o assassinato de Nasrallah em Beirute (setembro de 2024) e o

assassinato de vários oficiais militares iranianos. Significativamente, enquanto Israel lançou inúmeros ataques contra civis, profissionais de saúde, jornalistas e trabalhadores humanitários, os mísseis do Irã atingiram exclusivamente instalações militares e de inteligência israelenses e não áreas civis. Enquanto isso, o Hezbollah teve como alvo a Base Aérea israelense de Ramat David, a leste de Haifa, em setembro de 2024. Nem o Irã nem o Hezbollah dispararam suas munições contra bairros congestionados de cidades israelenses. Desde 8 de outubro de 2023, os ataques aéreos israelenses contra o Líbano **superaram** em muito os ataques do Hezbollah contra Israel. Antes da atual onda de hostilidades, até 10 de setembro, Israel havia **matado** 137 civis libaneses e deslocado centenas de milhares de libaneses de suas casas; enquanto isso, os foguetes do Hezbollah já haviam matado 14 civis israelenses, e seus foguetes levaram à evacuação de 63 mil civis israelenses. Não houve apenas uma diferença quantitativa no número de feridos e de mortos, mas uma diferença qualitativa no uso da violência. A violência direcionada principalmente a alvos militares é permitida em certas condições segundo o direito internacional; a violência indiscriminada, como quando bombas massivas são usadas contra civis, viola as leis da guerra.



Etel Adnan (Líbano), *Sem título*, 2017.

Etel Adnan (1925–2021), uma poetisa e artista libanesa, cresceu em Beirute depois que seus pais fugiram do colapso do Império Otomano que se tornou a atual Turquia. Ela cavou fundo no solo do conflito e da dor, os ingredientes para sua poesia. Sua voz ressoava da sacada de seu apartamento em Ashrafieh, a “pequena montanha”, de onde ela podia ver os navios entrando e saindo do porto. Quando Etel Adnan morreu, o romancista Elias Khoury (1948–2024), que faleceu pouco antes de Beirute ser novamente bombardeada, **escreveu** que lamentava uma mulher que não morreria, mas temia por sua cidade, que estava sofrendo sozinha. Aqui estão alguns trechos do poema de Etel, “Beirute, 1982”, para nos lembrar que estamos tão furiosos quanto uma tempestade.

Eu nunca acreditei que
essa vingança
seria uma árvore
crescendo no meu jardim

*

As árvores crescem em todas as direções
O mesmo acontece com os palestinos:

desenraizados
e ao contrário das borboletas
sem asas,
presos à terra,
pesados com amor
para suas fronteiras e sua
miséria,

ninguém pode ficar para sempre
atrás das grades
ou sob a chuva.

...

Nunca choraremos com lágrimas
mas com sangue.

...

Não é nos cemitérios que iremos
plantar grãos
nem na palma da minha mão
Estamos tão furiosos quanto uma tempestade.

Cordialmente,

Vijay